

A PALAVRA

(Uma página de JOSÉ DE ALENCAR)

A palavra, esse dom celeste que Deus deu ao homem, e recusou a todos os outros animais, é a mais sublime expressão da natureza; ella revela o poder do Creador, e reflecte toda a grandeza da sua obra divina.

Incorporea como o espirito que anima, rapida como a electricidade, brilhante como a luz, colorida como o prisma solar, communica-se ao nosso pensamento, apodera-se delle instantaneamente, e o esclarece com os raios da intelligencia que leva no seu seio.

Mensageira invisivel da idéa, iris celeste do nosso espirito, ella agita as suas azas douradas, murmura ao nosso ouvido docemente, brinca ligeira e travessa na imaginação, embala-nos em sonhos fagueiros, ou nas suaves recordações do passado.

As vezes é o buril do estatuário, que recorta as fórmulas graciosas de uma copia fiel da natureza: aos retoques desse cinzel delicado a idéa se anima, toma um corpo, e modela-se como o bronze ou como a cêra.

Outras vezes é o pincel inspirado do pintor, que faz surgir de repente do nosso espirito, como de uma têla branca e intacta, um quadro magnifico, desenhado com essa correcção de linhas, e esse brilho de colorido, que caracterizam os mestres.

Muitas vezes tambem é a nota solta de um hymno que resôa docemente, que vibra no ar e vae perder-se além no espaço, ou vem afagar-nos brandamente o ouvido como o écho de uma musica em distancia.

A sciencia tem nella o seu escalpello, com que faz a autopsia do erro, descarrega-o dos sophismas que o occultam, e mostra-o claramente áquelles que, illudidos por falsas apparencias, julgam vêr nelle a verdade.

O sentimento faz della a chave dourada que abre o coração ás suaves emoções do prazer, como o raio do sol, que desata o botão de uma rosa cheia de viço e de fragrancia.

A justiça deu-a á sua innocencia como a arma de defesa, arma poderosa e irresistivel, que tantas vezes tem suspendido o cutello do algoz e quebrado as pesadas cadeias de ferro de uma masmorra.

Para o tribuno é uma alavanca gigantesca, com que desloca as immensas móes do povo, e atrai-as de encontro ás columnas do edificio social, que extremece, vacilla e se abate ao peso dessas massas impellidas por um poder quasi sobrehumano.

Eis o que é a palavra: simples e delicada flôr do sentimento, nota palpitante do coração, ella pode elevar-se até o fastigio da grandeza humana, e impôr leis ao mundo do alto desse throno, que tem por degráu o coração e por cupula a intelligencia.

Assim, pois, todo homem, orador, escriptor, ou poeta, todo homem que usa da palavra, não como um meio de communicação ás suas idéas, mas como um instrumento de trabalho; todo aquelle que fala, ou escreve, não por sua necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social: todo aquelle que faz da linguagem não um prazer, mas uma bella e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento de sua actividade.

A palavra tem uma arte e uma sciencia: como sciencia ella exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéa de todos os relevos, de tôdas as graças e de todas as formas necessarias para fascinar o espirito.

O mestre, o magistrado, o padre, o historiador, no exercicio do seu respeitavel sacerdocio da intelligencia, da justiça, da religião e da humanidade, devem fazer da palavra uma sciencia; mas o poeta e o orador devem ser artistas, e estudar no vocabulario humano todos os seus segredos mais intimos, como o musico que estuda as mais ligeiras vibrações das cordas do seu instrumento, como o pintor que estuda todos os effeitos da luz nos claros e escuros.